



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

ANTÔNIA KARINE PAZ BRITO

**A REPRESENTAÇÃO DA TERMINOLOGIA
DA CULTURA POPULAR CEARENSE NO DOMÍNIO DA SAÚDE**

FORTALEZA-CE

2019

ANTÔNIA KARINE PAZ BRITO

A REPRESENTAÇÃO DA TERMINOLOGIA
DA CULTURA POPULAR CEARENSE NO DOMÍNIO DA SAÚDE

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharela em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Heliomar Cavati Sobrinho

FORTALEZA-CE

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B875r Brito, Antonia Karine Paz.
A REPRESENTAÇÃO DA TERMINOLOGIA DA CULTURA POPULAR CEARENSE NO
DOMÍNIO DA SAÚDE / Antonia Karine Paz Brito. – 2019.
72 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro
de Humanidades, Curso de Biblioteconomia, Fortaleza, 2019.
Orientação: Prof. Dr. Heliomar Cavati Sobrinho.

1. Linguagens Documentárias. 2. Cultura Popular Cearense. 3. "Modelo Metodológico
Integrado para Construção de Tesauro". 4. Domínio da Saúde. I. Título.

CDD 020

ANTÔNIA KARINE PAZ BRITO

A REPRESENTAÇÃO DA TERMINOLOGIA
DA CULTURA POPULAR CEARENSE NO DOMÍNIO DA SAÚDE

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharela em Biblioteconomia.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Heliomar Cavati Sobrinho (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Bibliotecário Me. Francisco Edvander Pires Santos (Membro)
(CRB-3/1212. Biblioteca de Ciências Humanas da Universidade Federal do Ceará)

Raquel Ellen Simões Ferreira (Membro)
(CRB-3/1612). Bibliotecária. Mestranda do Mestrado de Ciência da Informação do PPGCI da UFC

A Deus, Amado Criador.

A Negra Mariama, mãe dos fracos e oprimidos.

Aos meus pais, Joelma e Brito, pela força, inspiração e amor.

Ao meu companheiro Neto, pelo amor e paciência.

A Melinda, meu coração fora do peito.

A Pastoral da Juventude, por me fazer protagonista da minha própria história.

Aos amigos, amigas e familiares, base fraterna do coração.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é como regar flores. Realçamos o perfume daqueles e daquelas que compõem o nosso jardim. Sou grata por tantas flores.

Agradeço primeiramente à Javé, Deus dos pobres e do povo sofredor. Javé que me faz arder o coração ao entrar em comunhão com os empobrecidos. Javé que me fez e faz flor e fruto, e que me inspirou a falar sobre o dialeto do meu povo, da minha gente, das minhas mais belas raízes. Javé é a minha casa.

Agradeço a minha Mãe Querida, que é conhecida por muitos nomes. Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora Aparecida, NEGRA MARIAMA; Mariama, Maria que Ama. Agradeço a essa mulher que me embala até hoje em seu abraço de mãe e amiga. Mainha é girassol!

Sou grata aos meus Pais. Joelma, que por vezes só tinha chá para tomar antes de ir para a escola, me incentivou a ler a vida e os livros. Brito, homem da roça, que venceu o desemprego, me ensinou o que é ter sangue nos olhos e os sonhos nas mãos. Esse diploma é nosso!

Sou grata ao Neto, grande amor da minha vida. Meu porto, meu barco, meu mar. Meu amar. Meu verbo gerúndio, que age em minhas veias, e me faz ser melhor. Esse diploma é nosso, querido Jardim.

Sou grata também a minha filha de quatro patas, Melinda. Me ensinou a ser mais humana. Me deu um coração de gente. Gente de verdade.

Grata sou pela minha família. Tios e Tias, meus avós! Grata pelos amigos, que são família. Vocês são os responsáveis por eu não desistir. Cada lágrima e sorriso traz vocês.

Tudo que sou tem a Pastoral da Juventude. Me tornei mais humana, militante, dona de meus sonhos, lutadora dos caminhos que me levariam a levar uma contribuição ao meu povo cearense. A Pastoral da Juventude me ensinou a ser quem sou: PROTAGONISTA DA MINHA PRÓPRIA HISTÓRIA.

Grata a Universidade Federal do Ceará, ao Departamento de Ciências da Informação e Curso de Biblioteconomia, em todo seu corpo docente. Se hoje sou uma profissional feliz devo a essa casa, que me fez encontrar toda força para alcançar aos mais belos e difíceis sonhos.

Gostaria de agradecer as Bibliotecárias Anésia Bayma, Elza Feijó e Margarida Lídia, por me acolherem num abraço tão caloroso. Deram-me um novo sentido ao

amor que a Biblioteconomia pode proporcionar. A Biblioteca Zenaide de Sá Carneiro da Cunha sempre será uma casa, uma escola.

Agradeço de modo muito especial ao professor e grande amigo Heliomar. Um ser de luz que trouxe luz e afeto ao meu coração, por vezes angustiado dentre a tantos desafios que vencemos dia a dia dentro do ambiente acadêmico. Agindo como amigo, irmão e pai. Grata por sua luz, querido amigo.

Agradeço a Banca de Monografia, composta pelo Bibliotecário Edvander Pires da Biblioteca de Ciências Humanas da Universidade Federal do Ceará e pela Bibliotecária e mestranda do Mestrado de Ciência da Informação do PPGCI da UFC, Raquel Ellen Simões Ferreira.

Sou grata a vida, a poesia e tantas coisas que me embalam a escrever. Que me fizeram entrar no universo dos livros. Que me fez ser protagonista da própria história.

Que nesse grande livro, os versos sejam livres, assim como este coração.

“Não nego meu sangue, não nego meu
nome,
Olho pra fome e pergunto: o que há?
Eu sou brasileiro fio do Nordeste,
Sou Cabra da Peste, sou do Ceará”.

- *Sou cabra da peste, Patativa do Assaré.*

RESUMO

A representação da cultura popular cearense no domínio da saúde perpassa pelo diálogo interdisciplinar entre o dialeto cearense e a terminologia específica da área da saúde. Para tal padronização e recuperação da informação, sem ruídos e de forma eficaz, são produzidas linguagens documentárias que viabilizem a tradução da linguagem natural para uma linguagem padronizada. O presente trabalho se propôs a investigar qual a contribuição de uma linguagem documentária referente às terminologias oriundas da cultura popular cearense no domínio da saúde, por meio da construção de um Tesouro segundo o “Modelo Metodológico Integrado para Construção de Tesouro”, de Cervantes (2009). Por meio da pesquisa realizada foi perceptível a contribuição que a construção da linguagem documentária proporcionou. Por meio da padronização das terminologias dentro do tesouro foi possível o fazer-se elo entre o dialeto falado pela população cearense, em seu contexto sociocultural, unido aos termos específicos utilizados por profissionais da área da saúde, possibilitando o diálogo interdisciplinar da Biblioteconomia com a área da Saúde.

Palavras-chave: Linguagens Documentárias. Cultura Popular Cearense. “Modelo Metodológico Integrado para Construção de Tesouro”. Domínio da Saúde.

RESUMEN

La representación de la cultura popular de Ceará en el ámbito de la salud pasa por el diálogo interdisciplinario entre el dialecto de Ceará y la terminología específica del área de la salud. Para tal estandarización y recuperación de información, sin ruido y de manera efectiva, se producen lenguajes documentales que permiten la traducción del lenguaje natural a un lenguaje estandarizado. El presente trabajo tuvo como objetivo investigar la contribución de un lenguaje documental referido a las terminologías derivadas de la cultura popular de Ceará en el campo de la salud, a través de la construcción de un Tesouro según el Modelo de Tesouro de Cervantes (2009). A través de la investigación realizada se notó la contribución que brindó la construcción del lenguaje documental. A través de la estandarización de las terminologías dentro del tesouro, fue posible establecer el vínculo entre el dialecto hablado por la población de Ceará, en su contexto sociocultural, junto con los términos específicos utilizados por los profesionales de la salud, permitiendo el diálogo interdisciplinario entre los bibliotecarios y el área de la salud.

Palabras-chave : Lenguajes documentales. Ceará Cultura Popular. Modelo “Metodológico Integrado para la Construcción de Tesauros”. Dominio de salud.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Medicina Nordestina: puxamento (asma).....	33
Figura 2	Modelo Integrado de Construção de Tesouros, Cervantes (2009).....	37

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	– Quadro 1 - Relação entre os objetivos e as seções da pesquisa.....	15
Quadro 2	– Quadro 2 - Exemplo da coleta de termos sinalizadas no Apêndice A.....	40
Quadro 3	– Quadro 3 - Exemplo da classificação realizada e retratada no Apêndice B.....	41
Quadro 4	– Quadro 4 - Exemplo de verificação efetuada e retratada no Apêndice C.....	41

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO: A RELEVÂNCIA DAS LINGUAGENS DOCUMENTÁRIAS PARA A INDEXAÇÃO	18
2.1	Ciência da Informação	18
2.2	Organização e representação do conhecimento	20
2.3	Indexação	21
2.4	Linguagens Documentárias	25
2.4.1	Tesouro	27
3	REPRESENTAÇÃO DA CULTURA POPULAR: LITERATURA DE CORDEL E DICIONÁRIOS DA CULTURA POPULAR CEARENSE	30
3.1	Cearensidade e o cearensês: terminologia popular	31
3.2	Saúde e mazelas: relações terminológicas do dialeto cearense	32
3.3	Cordéis e dicionários da cultura popular: uma expressão do dialeto cearense	34
4	DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA EMPÍRICA E RESULTADOS	36
4.1	Aplicações do Modelo de construção de tesouros no domínio escolhido	37
4.1.1	<i>Etapa A: delimitação do subdomínio</i>	38
4.1.2	<i>Etapa B: Estabelecimento dos limites da pesquisa terminológica temática e Coleta do corpus do trabalho terminológico</i>	39
4.1.3	<i>Etapa C: Classificação, verificação e confirmação dos termos</i>	40
4.1.4	<i>Etapa D: Forma de apresentação do Tesouro</i>	41
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
	REFERÊNCIAS	45
	APÊNDICE A- TERMOS COLETADOS	49
	APÊNDICE B - TERMOS CLASSIFICADOS	55
	APÊNDICE C - TERMOS VERIFICADOS	61
	APÊNDICE D – TESAURO DO DIALETO CEARENSE NO DOMÍNIO DA SAÚDE	67

1 INTRODUÇÃO

Pensar em cultura cearense é pensar o popular. As manifestações religiosas, os movimentos políticos de povos excluídos e marginalizados, comédias rotineiras, causos da rotina. A linguagem cearense é um convite à imaginação. A criação e reinvenção do cotidiano. Entender como se representam os termos regionais na área de domínio da saúde, presente nas conversas casuais, e dentro de ambientes formais, revelando-se em linguagens padronizadas dentro de uma rotina, foi o principal despertar desta pesquisa.

Dentro do estado do Ceará, o sotaque e as expressões cearenses são tidas como “cearensês”. O cearensês é a linguagem do matuto do interior do estado, dos jovens das periferias da capital Fortaleza, é o jeito em que o povo cearense expressa sua luta, sua força e sua história.

A Cultura Popular Cearense que se expressa pela linguagem do povo traz toda carga de tradições e costumes, que vão desde o jeito de ser até os medicamentos para curar doenças da população. E por falar em doença, o povo cearense tem um jeito próprio de denominar seus sintomas, suas doenças e seus tratamentos medicamentosos. Linguagem própria que traduz a linguagem científica para uma vivência mais pé no chão, encarnando o jeito de ser dessa população.

E bem sabendo dessa representação de linguagem rotineira e materna da região em que é escrito, a variação terminológica é nítida, e se apresenta de forma rica. A escrita corresponde à forma como as palavras são proferidas. E para quem não é habituado àquela forma de falar, há a dúvida do significado do conceito que é falado e escrito. Como cita Braga (2002, p. 62):

Cumprir observar que, como os termos dão acesso aos conceitos, constituindo-se em sua manifestação (no nível semiótico), nós os utilizamos para representar o conceito em uma estrutura, fato que permite que o sistema terminológico corresponda ao conceitual.

É essa busca por uma estrutura na área de domínio da saúde que represente esses conceitos e diferenças terminológicas que embasa esta pesquisa.

Neste sentido, como uma linguagem documentária ajudaria na exemplificação do controle das terminologias? Como cita Laan (2000, p. 4), “Para isso são estruturados instrumentos de controle de termos buscando estabelecer um

vocabulário comum, visando facilitar o processo de comunicação entre o usuário e o sistema. Estes instrumentos são os vocabulários controlados [...]”. A construção de uma linguagem documentária possibilita uma categorização dos termos escolhidos, organizando-os e estabelecendo entre si relações que possibilitarão maior abrangência de significados.

Ao se pensar na estruturação de termos, podemos elencar o Tesouro como uma forma de linguagem documentária muito eficaz. Segundo Motta (1987, p. 85, citado por LANN, 2000, p. 4):

Tesouro é um “sistema de vocabulário controlado baseado em conceitos, incluindo termos preferidos (descritores), termos não preferidos (não descritores) e suas inter-relações, que se aplica a um determinado ramo do conhecimento e que se destina a controlar a terminologia utilizada para a indexação/recuperação de documentos.”

Vendo todas essas ricas diferenças terminológicas que, ao serem trabalhadas juntas, tornam-se fontes de busca e recuperação de informação, e que essa representação é possível por meio das linguagens documentárias, a presente pesquisa deseja investigar em sua problemática: qual a contribuição de uma linguagem documentária referente às terminologias oriundas da cultura popular cearense no domínio da saúde?

Para realização de tal estudo foram realizadas etapas que culminaram nas respostas para tais indagações. O objetivo geral da pesquisa se concentra em: propor um tesouro da terminologia popular cearense, no domínio da saúde.

Sendo assim, seu desdobramento nos objetivos específicos almejou alcançar:

1. Investigar os aspectos teóricos da representação documentária e da terminologia popular cearense em cordéis e dicionários de cultura popular, no domínio da saúde.
2. Por meio da utilização do Modelo de Construção de Tesouros da autora Cervantes (2009), elaborar uma LD da terminologia popular cearense, no domínio da saúde.
3. Propor uma Linguagem Documentária da terminologia da cultura popular cearense, no domínio da saúde.

De acordo com a proposição, foram desenvolvidas as seguintes seções teóricas e metodológicas (Quadro 1):

Quadro 1 - Relação entre os objetivos e as seções da pesquisa.

ESTRUTURA	SISTEMATIZAÇÃO DA PESQUISA
	DELIMITAÇÃO
Título	REPRESENTAÇÃO DA TERMINOLOGIA DA CULTURA POPULAR CEARENSE NO DOMÍNIO DA SAÚDE
Problema	Necessidade de investigar qual a contribuição de uma linguagem documentária referente as terminologias oriundas da cultura popular cearense no domínio da saúde.
Objetivo Geral	Propor um tesouro da terminologia popular, no domínio da saúde.
Seção 2 Seção 3	<p>Objetivo específico 1: investigar os aspectos teóricos da representação documentária e da terminologia popular cearense em cordéis e dicionários de cultura popular, no domínio da saúde.</p> <ul style="list-style-type: none"> • ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO: A RELEVÂNCIA DAS LINGUAGENS DOCUMENTÁRIAS PARA A INDEXAÇÃO • REPRESENTAÇÃO DA CULTURA POPULAR: LITERATURA DE CORDEL E DICIONÁRIOS DA CULTURA POPULAR CEARENSE.
Seção 4	<p>Objetivo específico 2: Por meio da utilização do Modelo de Construção de Tesouros da autora Cervantes (2009), elaborar uma LD da terminologia popular cearense, no domínio da saúde.</p> <p>Objetivo específico 3: Propor uma Linguagem Documentária da terminologia da cultura popular, no domínio da saúde.</p> <p>DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA EMPÍRICA E RESULTADOS</p>
Seção 5	Considerações finais.

Fonte: Elaborado pela autora.

A presente pesquisa se justifica não somente pelo fator cultural de seu impacto, mas também pelo fator agregador na área que corresponde à Biblioteconomia e sua prática, bem como o diálogo intermediador entre a terminologia popular e a terminologia presente no domínio da saúde, possibilitando, assim, um fluxo informacional entre a comunidade médica e a população cearense. Além dos fatores apresentados acima, a pesquisa nasce de um florescer muito pessoal, que acontece no contato com as mais profundas raízes da infância, e da rotina. Nasce num solo fértil, onde as marcas do povo cearense deram fruto e flor, e hoje desabrocham no âmbito acadêmico, unindo o sangue cearense e a vivência dentro da Universidade.

Tratando-se de uma pesquisa de natureza bibliográfica, descritiva, exploratória e de aplicação experimental, que visa dar contribuição para a representação da informação presente nas terminologias da cultura popular cearense no domínio da saúde, abordaremos inicialmente como se dá a organização e a representação da informação, percebendo, assim, a relevância das linguagens documentárias para a indexação (seção 2). Dentro da presente seção, traremos em questão a abordagem teórica pelos caminhos que nos levaram até a construção de uma linguagem documentária, abordando a Ciência da Informação, a Organização e representação do conhecimento, a indexação e, por fim, as linguagens documentárias.

Dessa forma, ampliamos o entendimento de como ocorre a representação da cultura popular, dando enfoque de forma especial como ela se apresenta nos dicionários de cearensês e na literatura de cordel, no que constam as terminologias correspondentes ao domínio da saúde (seção 3). Na seção 3 abordamos o que envolve a riqueza da Cearensidade, e como o dialeto cearense, cearensês, traz para a terminologia uma carga cultural de grande valor. Abordaremos como o cearensês se apresenta dentro da terminologia no domínio da saúde, envolvendo as mazelas do povo cearense.

Dentro da metodologia (seção 4), baseada no “Modelo Metodológico Integrado para Construção de Tesouro” de Cervantes (2009), apresentamos a proposição do tesouro, com as terminologias da cultura popular cearense que são pertinentes ao domínio da saúde, aplicando a prática biblioteconômica em consonância com as áreas trabalhadas, gerando contribuição mútua e participativa.

Dentro da seção 4 traremos todo o passo a passo desenvolvido dentro da pesquisa, abrangendo desde a coleta dos termos até seu tratamento, como cada uma dessas etapas foi de grande importância para a culminância do tesouro a ser proposto.

Por último, trazendo nas considerações finais as respostas a serem expostas mediante aos questionamentos que foram feitos dentro desta respectiva pesquisa, compondo, assim, a seção 6.

2 ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO: A RELEVÂNCIA DAS LINGUAGENS DOCUMENTÁRIAS PARA A INDEXAÇÃO

Quando partimos da perspectiva de informações a serem recuperadas, pensamos em primeira hipótese em como organizá-las. A organização da informação perpassa por atividades diversas, realizadas em várias esferas de administração, sendo elas de caráter formal ou informal. Sem documentos organizados e classificados para atender às respectivas demandas, independentemente de seus suportes, é impossível recuperar a informação almejada para realização de um objetivo traçado. Nessa seção falaremos sobre o que permeia a Organização e Representação da Informação, entendendo também como seu desenvolvimento deu surgimento a formas de representação do conteúdo informacional.

2.1 Ciência da Informação

A Ciência da Informação é recente, comparada ao desenvolvimento de outros campos da ciência. Em diversos momentos dentro da vivência acadêmica do curso de Biblioteconomia, abordamos seu desenvolvimento e como sua formação vem se modulando no decorrer dos anos, tratando-a como a ciência maior que abriga a Biblioteconomia, a Museologia e a Arquivologia, entendemos também o caráter naturalmente interdisciplinar que envolve essa ciência, e como ela se constitui. Santos (2015, p. 2) cita que:

O termo Ciência da Informação foi utilizado pela primeira vez em 1959. Segundo Pinheiro e Loureiro (1995, p. 01) é somente “[...] na década de [19]60 que são elaborados os primeiros conceitos e definições e se inicia o debate sobre a origem e os fundamentos teóricos da nova área”.

Ainda sobre seu surgimento e consolidação, Araújo (2014, p. 11) também cita que “A consolidação teórica e institucional da Ciência da Informação se deu na década de 1960, nos Estados Unidos, na União Soviética e na Inglaterra, e na década seguinte, em diversos outros países”.

Entretanto, em relação ao ano em que se começou a falar sobre a ciência da informação, propriamente com esse termo, há posicionamentos diferentes. Em relação a isso, Santos (2015, p. 2) salienta que:

Independente do ponto de origem – Estados Unidos, Inglaterra, Bélgica, França ou União Soviética – a Ciência da Informação surgiu e se desenvolveu tendo como base a necessidade da sociedade lidar com o crescente fluxo informacional.

E partindo desse posicionamento de Santos (2015) começamos a vislumbrar qual o sentido pelo qual a Ciência da Informação começa a tomar sua forma, construindo suas características. Importante entender que exatamente essa forma interdisciplinar e transcendente que a constitui está intimamente ligada a toda contribuição que a disciplina Documentação trouxe em seu fazer e pensar. Araújo (2014, p. 4) assim cita que:

É nesse sentido que a Documentação representou uma novidade em relação a outras áreas do conhecimento e instituições (como os arquivos, as bibliotecas e os museus) que também lidavam com o conhecimento registrado: seu objetivo não era juntar uma coleção, guardar um estoque numa determinada instituição, mas sim promover um serviço transversal, cooperativo entre as diferentes instituições (e entre os diferentes tipos de instituições, também), com isso, acirrando-se a natureza pós-custodial das ações.

A meta de Otlet e La Fontaine de tentar dimensionar a produção científica humana num todo utopicamente abriu um vasto leque de que poderia pensar-se além do suporte, além do próprio conceito de documento criado por Otlet. Visto isto, Araújo (2014, p. 4) cita que:

É essa mudança de perspectiva que séculos depois, será o ponto de fundação da Ciência da Informação, naquilo que alguns pesquisadores dirão tratar-se de um primeiro traço de uma preocupação pós-custodial.

E partindo desse princípio pós-custodial, sem descartar a importância da guarda e preservação dos documentos, constituindo integridade aos suportes que armazenam essas informações, que, segundo Araújo (2014, p. 8), “Tais estudos consolidaram a ideia de que a Ciência da Informação tinha por objeto o estudo dos

fluxos, dos caminhos percorridos pela informação, sua materialização em diferentes produtos e serviços”.

Pensando assim a Ciência da Informação como estudo do fluxo informacional, a seguir entenderemos como esse fluxo é representado, para então ser organizado e recuperado.

2.2 Organização e Representação do Conhecimento

Pensar a organização e representação da informação perpassa a ideia de que o fluxo informacional se desenvolve com rapidez e, conforme evolui, precisa ser recuperado quando assim necessário. A recuperação e o acesso às informações que perpassam o fluxo informacional só se apresentam de forma plena quando seu tratamento e representação são feitos de forma eficaz. O acesso universal e democrático à informação está intrinsecamente ligado à Organização e Representação do Conhecimento que se modelam dentro do fluxo informacional.

Para melhor entender como se consiste a Organização e Representação do Conhecimento, Fujita (2008, p. 6) apresenta que:

A compreensão do domínio da área de Organização e Representação do Conhecimento está sistematizada em seu próprio nome formado por dois conceitos fundamentais: a Organização do Conhecimento e a Representação do Conhecimento. Estes dois conceitos são resultados de uma combinação das categorias Ação + Objeto. Dessa forma, podemos entender que a área tem como objeto de pesquisa o Conhecimento e, suas atividades principais em torno desse objeto, são a Organização e a Representação.

Cintra (1994, p. 13) ainda afirma que a informação acontece nos dois extremos do circuito de comunicação, no emissor e no receptor que está nesse fluxo informacional. Cintra (1994, p. 14), ao mencionar que todo conhecimento começa por algum tipo de informação e se constitui em informação, nos convida a observar que o conhecimento gerado na comunicação entre emissor e receptor é fruto da relação entre a informação e o sujeito cognoscente que a recebe em determinado momento. Essa relação possibilita o construto de um conhecimento passível de troca, onde se forma a comunicação.

A informação está presente em tudo e, por ser abordada dentro de várias dimensões da ciência, ela pode ser observada em três aspectos para melhor entendê-la, como pondera Cintra (1994, p. 14):

1. A informação é atomizada, fragmentada e particular;
2. A informação é temporária, transitória, talvez mesmo efêmera; e
3. A informação como fluxo de mensagens.

Já o conhecimento só pode ser representado a partir do momento em que é registrado em um determinado suporte, assumindo a posição de documento. Esse registro possibilita que haja a representação da informação sem perder a veiculação com o conhecimento e sua comunicação. Observando a partir desse momento, é possível vislumbrar o papel da linguagem dentro desse ciclo informacional.

Fujita (2008, p. 8) ainda afirma ao dizer que:

Com a perspectiva do ambiente institucional e a concepção do conhecimento registrado, Hjørland (2008) distingue a Organização do Conhecimento em sentido específico, como a organização cognitiva ou intelectual do conhecimento e, em sentido amplo, como a organização social do conhecimento. Nessa distinção, considera que, em sentido específico, a Biblioteconomia e a Ciência da Informação são as disciplinas centrais da Organização do Conhecimento e compreende atividades, tais como “[...] descrição documentária, indexação e classificação realizadas em bibliotecas, bases de dados bibliográficas, arquivos e outros tipos de “instituições da memória” por bibliotecários, arquivistas, especialistas da informação, especialistas de assunto”.

Partindo da consolidação de que a Ciência da Informação, como análise do fluxo informacional gerador de conhecimento, e a Biblioteconomia, em seu fazer técnico contribuindo para que esse conhecimento ganhe um caráter descritivo, com fins de recuperação posterior, podemos ver que para bem representar e organizar precisamos analisar a amplitude na qual atinge essa informação.

Métodos esses que a indexação traz em seu escopo, partindo da ideia de que para bem representar precisamos bem compreender e descrever. A seguir, veremos como a indexação se torna peça-chave para alcançar tal objetivo.

2.3 Indexação

Entender a indexação é de suma importância para compreender o seu papel tratando-se de tratamento de informações. E para bem entendermos sua relevância, começemos estudando a etimologia da palavra desse termo: indexar. Termo esse utilizado em diversas áreas, variando seu significado dentre elas. Porém, aqui

fixaremos a relevância que esse termo e seu funcionamento desempenham para o desenvolvimento da análise e recuperação da informação.

Como cita Chaumier (1988, p. 63), a “indexação é a parte mais importante da análise documentária. Consequentemente, é ela que condiciona o valor de um sistema documentário”.

Como ainda salientam Silva e Fujita (2004, p. 136), “o conceito de indexação surgiu a partir da elaboração de índices e atualmente está vinculada ao conceito de análise de assunto”, caminhando assim de forma interligada. Indexação é entendida como parte fundamental do processo de representação e recuperação de um documento.

Sendo assim, consideramos a indexação um conjunto de atividades que, por meio da análise documentária, é capaz de identificar dentro de um documento termos, conceitos, sintagmas, que assim o possam representar e posteriormente tornar o documento passível de ser recuperado por quem o solicita.

Como cita Bentes Pinto (2001, p. 226):

No caso dos conceitos e das palavras-chave, eles podem ser extraídos do documento mesmo ou ainda atribuídos a partir de outras fontes, como por exemplo as Linguagens Documentárias (LD's). Em contrapartida, os sintagmas ou as frases só podem ser extraídos do próprio documento.

Dessa forma, composto por termos atribuídos e também retirados do texto, a indexação possibilita que a informação seja registrada e possível de ser acessada. Bentes Pinto (2001) ainda cita que a indexação perpassa por ao menos três etapas, sendo elas: análise conceitual; tradução; controle de qualidade.

Segundo Bentes Pinto (2001), a análise conceitual parte de “analisar o conteúdo do documento, lendo-o não do início ao fim, mas por partes, ou seja, lendo suas estruturas lógicas”. Assim, conseguindo entender a temática que envolve o documento, podendo elencar os termos que o representarão.

Bentes Pinto (2001) afirma referente a segunda etapa, a tradução, como o momento que “[...] os indexadores fazem uma comparação entre os conceitos pré-selecionados em linguagem natural, com os descritores das LD's.”. Quando esses termos possuem uma relação semântica, são elencados como termos que possibilitaram a recuperação do documento.

Referente a terceira etapa, o controle de qualidade, Bentes Pinto (2001) cita que essa etapa possibilita a garantia de que o sistema está sendo desenvolvido de forma coesa, sendo um mecanismo de busca de possíveis erros e melhorias no que se trata do desenvolvimento do processo de indexação.

Chaumier (1988, p. 67) ainda cita que essa transcrição de conceitos se faz graças a instrumentos de indexação. O autor cita que os instrumentos de indexação se dividem em dois grandes tipos: linguagens de estrutura hierárquica, chamadas “classificações”, e linguagens de estrutura combinatória, chamadas “*thesauri*”.

Os sistemas de classificação, dentre vários que existem, desde os tipos de doença, como o CID 10, tanto como a CDD (Classificação Decimal de Dewey) e a CDU (Classificação Decimal Universal), desempenham um papel fundamental na organização e representação da informação.

Como cita Chaumier (1988, p. 69):

Os sistemas de classificação têm a vantagem de apresentar um plano geral lógico para a indexação de documento, fornecendo grande simplicidade de emprego por parte do usuário, facilidade de memorização, como auxílio de códigos (notação), possibilidade de hierarquização numérica de classe e sub-classe numerosas e expansão e condensação, conforme o assunto o exija.

O outro ponto, como denominado linguagens de estrutura combinatórias, será abordado no tópico adiante, onde se dará a discussão teórica no que compete às Linguagens Documentárias.

Esses processos da indexação, que envolvem todo o percurso a ser realizado para a representação da informação, garantem a funcionalidade e o alcance do sistema desenvolvido e para quem ele se destina. Como ainda cita Bentes Pinto (2001, p. 225):

[...] a necessidade de se investir no tratamento técnico dos recursos informacionais, assim como na sua organização, de maneira mais conveniente, visando a racionalização de sua estocagem e, naturalmente, a busca e a recuperação da informação de maneira eficaz e eficiente [...]

E justamente dessa necessidade de se ter dedicação a esse processamento envolvente a indexação que Cesarino (1985, p. 161) afirma que “a eficiência de um

Sistema de Recuperação de Informação depende muito da qualidade da análise conceitual tanto dos documentos quanto às questões.”.

Como cita Carneiro (1985, p. 231):

Cada etapa do processo de indexação é afetada por variáveis que vão influenciar praticamente todo o processo de recuperação da Informação. Tais variáveis se referem aos níveis de exaustividade e especificidade requeridos pelo sistema, linguagem de indexação, capacidade de revocação e precisão do sistema.

O nível de exaustividade determina como os assuntos discutidos nos documentos são reconhecíveis na operação de indexação. Porém é preciso cuidado, pois o excesso de exaustividade provoca baixa precisão de busca no sistema de recuperação da informação.

Já no nível de especificidade, a capacidade de especificar um assunto num documento que esteja sendo processado aumenta a taxa de precisão e diminui a de revocação do sistema.

De tal forma o nível de exaustividade e especificidade estão intimamente ligados a capacidade de precisão e revocação dentro de um sistema de recuperação da informação. Para Carneiro (1985, p. 234) a *revocação* se relaciona com a capacidade de um sistema recuperar documentos relevantes, independente de sua quantidade. Já na *precisão* a capacidade de recuperação da informação é focada em impedir a recuperação de documentos não relevantes.

Dentro dessa perspectiva, para Carneiro (1985, p. 234) a revocação e precisão tem uma relação inversa. Quanto maior a revocação o nível de exaustividade possibilitará maior quantidade de documentos recuperados, sendo relevantes ou não. Enquanto na precisão o nível de especificidade permite que o número de documentos recuperados seja menor, conforme o recorte do assunto feito pelo usuário.

No que tange a escolha da linguagem de indexação, é essencial uma escolha que influa de forma benéfica no desempenho do sistema de informação. Que auxilie no momento direcionado à busca das informações como também o indexador no processo de descrição dos assuntos presentes no sistema.

Sendo assim, a indexação torna-se uma etapa crucial para que as Linguagens Documentárias sejam aplicadas e atendam às necessidades dos usuários.

2.4 Linguagens Documentárias (LDs)

Pensar sobre a representação da informação nos leva a pensar também como elencar métodos para padronização de acessos, armazenamentos e recuperações de documentos. Pensar sobre isso é refletir a relevância das Linguagens Documentárias (LDs). Como cita Cintra (1994, p. 33):

Essas linguagens são, pois, construídas para a indexação, armazenamento e recuperação da informação e correspondem a sistemas de símbolos destinados a “traduzir” os conceitos dos documentos.

É perceptível que as Linguagens Documentárias auxiliam nos mecanismos de busca da informação, na sua organização e na representação do seu conteúdo. Ela se dá pela padronização de termos utilizados, fazendo a tradução de uma linguagem natural (LN) em uma linguagem documentária (LD) que possa ser reconhecida tanto pelo sistema em que dá suporte quanto para o usuário que a consulta. De acordo com Cintra (1994, p. 34), “[...] as LDs possuem um status muito particular: por meio delas pode-se representar de maneira sintética, as informações materializadas nos textos.”.

Cintra (1994, p. 23) ainda aborda que as Linguagens Documentárias consistem na representação dos documentos, com a presença de vocabulários tanto da linguagem de especialidade, como na linguagem natural. Ao salientar isso, ressalta que precisa existir essa comunicação entre a linguagem, o sistema e o usuário que se destina a utilizá-lo.

Jesus (2002, p. 4) afirma também que:

O uso das linguagens documentárias, em bases terminológicas, como instrumento de representação/recuperação permite a comunicação entre o documento, a informação e o usuário, uma vez que essa comunicação ocorre através desta linguagem.

A Linguagem Documentária passa a ser o elo entre o termo coloquial e o termo já padronizado. Entende-se por Linguagem Natural (LN) justamente o significado do termo em seu mais amplo sentido, podendo ter variação regional, como no caso da presente pesquisa. A partir do momento em que a Linguagem

Documentária padroniza determinado termo, para determinado foco de pesquisa, ocorre o que Jesus (2002, p. 8) cita abaixo:

Assim assegurar a recuperação de um número desejável de documentos relevantes (revocação) e garantir uma seleção mais precisa (precisão), devemos fazer um controle da terminologia, que delimite os meios pelos quais se poderá expressar idéias [...]

Por meio da padronização, a recuperação de um determinado termo, mesmo sendo transcrito para o sistema em linguagem natural, será passível de recuperação por meio da remissiva que esse termo fará ao termo já padronizado dentro da Linguagem Documentária, possibilitando tanto uma busca mais ampla, com abrangência de resultados, como uma busca mais precisa e afunilada do que se deseja.

Cintra (1994, p. 23-26) pondera, dentro do segundo capítulo do livro “Para entender as linguagens documentárias”, três conceituações mediante ao que são as Linguagens Documentárias, a saber:

1. Essas linguagens são, pois, construídas para indexação, armazenamento e recuperação da informação e correspondem a sistemas de símbolos, destinadas a “traduzir” os conteúdos dos documentos.
2. Segundo GARDIN, uma LD é um conjunto de termos provindos ou não de regras sintáticas, utilizado para representar conteúdos de documentos técnico-científicos, com fins de classificação ou busca retrospectiva de informações (GARDIN *et al.*, 1968)
3. As LD's, linguagens construídas que são, com finalidades específicas de representação documentária, não são suficientemente articuladas, nem se constituem em unidades geradoras de novos elementos.

Partindo disso, Cintra (1994) ao afirmar que as LD's são linguagens construídas, nos dispõe o entendimento da estruturação que possibilita que as Linguagens Documentárias organizem a representação do conhecimento. Estruturas que constituem uma forma padronizada de representação, sendo aplicável a qualquer conhecimento registrado. Possibilitando que o documento reafirme seu caráter comunicador de informação, sendo recuperado de forma plena e eficaz.

Cintra (1994, p. 25) ao citar Gardin (1968) ressalta três elementos básicos que integram as Linguagens Documentárias, sendo esses: um léxico, uma rede paradigmática e por fim uma rede sintagmática. Léxico como lista de descritores;

rede paradigmática que traduz relações geralmente estáveis entre os termos; rede sintagmática destinada a expressar as relações entre os descritores no contexto particular onde aparecem.

Partindo então do entendimento das LD's como ferramenta de controle terminológico, é possível entender seu papel como representação documentária, e como o controle terminológico é capaz de reduzir ruídos, ambiguidades e demais adversidades que competem a recuperação da informação.

Cintra (1994, p.31-32), ainda salienta que a estrutura básica de uma LD é dada através das relações hierárquicas, que podem ser genéricas, específicas ou partitativas. E por meio dessas relações, a estrutura terminológica constitui uma comunicação. Sendo importante observar que as particularidades que compõem as Linguagens Documentárias são fonte de diálogo entre representação da memória registrada, aliada a práticas de eficácia enquanto recuperação da informação.

E como objeto de estudo deste trabalho, daremos ênfase a Linguagem Documentária na perspectiva do Tesauro.

2.4.1 Tesauro

Ao falar-se de Tesauro, Chaumier (1988, p. 71) cita que:

O "thesaurus" é, antes de mais nada, uma lista de termos normalizados (Masculino, singular, forma substantiva) para os quais foram eliminados aspectos linguísticos como a sinonímia e a polissemia.

O Tesauro é uma linguagem documentária dinâmica. Possibilita por meio de sua relação hierárquica e semântica entre os termos relacionados, a representação completa e interligada de uma área de domínio. Isso auxilia tanto o profissional da informação, quanto o usuário quando assim deseja utilizá-lo para uma busca.

Mediante o relacionamento dos usuários com os tesauros, Jesus (2002, p. 16) afirma que:

O objetivo principal do tesauro é dar assistência ao usuário (pesquisador ou indexador) de maneira que ele consiga encontrar o termo que represente um determinado significado para o que se procura, ou seja, com a ajuda do tesauro, o usuário no momento da busca poderá identificar termos alternativos, que permitirá descrever a informação contida no documento de forma mais adequada.

O Tesauro torna-se uma possibilidade de ampliar a busca dos usuários, sendo assim também uma forma organizacional eficaz para a representação das terminologias que fazem parte de sua construção, referente a área de domínio em que é aplicada. Como cita Cesarino (1985, p. 162):

É importante para o bibliotecário compreender a linguagem das pessoas com que o sistema interage. Sem isso, é impossível <<indexar corretamente>> e <<se comunicar com os usuários>> dois pontos fundamentais para o bom funcionamento de um SRI - Sistema de Recuperação da Informação.

Entender esse elo e comunicação oferecida por meio do Tesauro amplia a nossa visão em relação ao seu desempenho em um sistema de busca e recuperação.

O Tesauro, segundo Chaumier (1988, p. 71) é composto de relações hierárquicas que vão nortear a indexação de um documento. Essas relações são três: relações de equivalência, relação hierárquica e relação de associação.

Referente a relações de equivalência, Chaumier (1988, p. 71) cita que ela “[...] permite remeter ao termo descritor os termos considerados sinônimos ou quase-sinônimos”. Verificando assim até que ponto determinado termo é semelhante à forma que se dispõe na linguagem natural e na linguagem documentária. Trazendo em evidência os termos que, mesmo não preferidos, são importantes remissivas dentro do tesauro.

Ao citar a relação hierárquica, Chaumier (1988, p. 72) elenca que ela “[...] permite situar um termo em relação a outro, de modo geral para o particular”. Ao fazer isso, designa-se o termo que será mais abrangente, e outro que seja específico dentro dele mesmo. Como cita Chaumier (1988, p. 72) um termo genérico e um termo específico.

Citando ainda a relação de associação, Chaumier (1988, p. 72) diz que ela “[...] permite unir dois termos que possuam conotações entre si. Ou seja, ao utilizar um desses termos, o indexador terá interesse em tomar conhecimento do outro”. Esse termo relacionado ao termo geral apresentado dentro do tesauro possibilita uma ampla relação entre os termos, fazendo elos comunicativos dentro do limite terminológico estabelecido. Chaumier (1988, p. 73) cita o próprio exemplo de um termo relacionado:

EX: Indexação

Termo relacionado = Linguagem documentária.

Em relação à forma de apresentação de um tesouro, para recuperação da informação, Chaumier (1988, p. 73) cita que: “o conjunto das relações de um ‘thesaurus’ é expresso, seja em nível de lista alfabética, seja por gráficos”. No presente trabalho, ao usar a forma de apresentação em lista alfabética, também conhecida como dicionário conceitual, trazemos a contribuição de Chaumier (1988, p. 73) ao dizer que o dicionário conceitual apresenta os descritores e seus respectivos termos equivalentes, indicando suas relações dentro da construção do tesouro.

O Tesouro é, então, um aliado na comunicação dos usuários com os sistemas de informação. Quando elaborados, auxiliam na busca e recuperação, sendo responsáveis pela organização lógica terminológica, evitando ruídos de informação na comunicação com o destinatário final.

Isso se explica pelo Tesouro ser uma linguagem padronizadora que torna menor o risco de ambiguidades dentro das relações terminológicas. Como cita Chaumier (1988, p. 71) ao citar Laureilhe (1977): “a lista desses descritores serve para traduzir em linguagem artificial, desprovida de ambiguidade (chamada linguagem documentária), noções expressas em linguagem natural”.

O tesouro será o elo que possibilitará o contato entre as terminologias da cultura popular cearense e as terminologias do domínio da saúde, agindo de forma interdisciplinar no que tange a comunicação e relação terminológica dentro de sua construção.

3 REPRESENTAÇÃO DA CULTURA POPULAR CEARENSE: TERMINOLOGIA DA SAÚDE EM LITERATURA DE CORDEL E DICIONÁRIOS DA CULTURA POPULAR

A cultura popular cearense é algo que transcende. Que traz a marca das vivências e rotinas do povo que dela se formam. Trazem o traço de um povo lutador, que faz de suas mazelas os “causos” de riso do dia a dia. Marca humorística essa que leva essa cultura a um alcance de transmissão por todo o país. Levando-nos a afirmar que em todo lugar bate um coração cearense.

Ao falar-se em linguagem regional, podemos trazer em questão o que Aragão (2013, p. 211) cita ao dizer que “desse modo, as relações entre linguagem regional, sociedade e cultura, estudadas pela dialetologia, sociolinguística e etnolinguística, fazem parte de um todo integrado nos estudos linguísticos.”.

A linguagem de uma determinada população não se aparta em momento algum de sua cultura, sendo intimamente ligada a todas as relações sociais estabelecidas em sua rotina. Como Aragão (2013) explicita acima a relação entre a linguagem regional e o ambiente na qual ela se desenvolve e ganha sua forma, é um laço indissolúvel, fazendo de seu encorpo o estudo da variabilidade linguística das mais diversas culturas.

Aragão (2013, p. 211) ainda exemplifica que:

Se partimos, como pretendemos das variantes regionais, no caso, as nordestinas, baianas, alagoanas, pernambucanas, paraibanas, rio-grandenses do norte, cearenses, piauienses e maranhenses, e direcionarmos nosso olhar para a perspectiva cultural desses falares poderemos afirmar que a linguagem utilizada nessas variações, marca ou é marcada pelos aspectos socioculturais que revestem essas realizações.

Partindo então desses aspectos socioculturais que enriquecem o vocabulário linguístico cearense, tendo como base a cultura popular, nesta seção abordaremos o teor cultural da Cearensidade e como isso se expressa e impacta para a construção da terminologia que dá forma ao dialeto cearense, principalmente tratando-se dos termos que estão no domínio da saúde. Refletiremos ainda como esses termos partem da memória oral para a memória escrita, expressando-se nos cordéis e dicionários regionais.

3.1 Cearensidade e o cearensês: terminologia popular

Quem já visitou o Ceará sente que o que envolve o povo que é filho dessa terra é de um caráter único. Um jeito de ser muito singular, um saber natural sobre a vida e seus desdobramentos de uma forma nata, nua e crua, como poesia. Um falar ritmado, um sotaque puxado, um jeito naturalmente engraçado. Assim surge a Cearensidade, a forma de ser e viver do povo cearense. Mediante isso, Rocha (2017, p. 2) cita que:

Não é de agora que o cearense tem se formado como um povo de características próprias, tanto culturais, comportamentais e de convívio social. Essas características fazem parte da formação da imagem do povo cearense, que com o passar do tempo deram origem ao conceito de Cearensidade. Utilizada de diversas maneiras, essa expressão remete não só a identidade do cearense, mas a todo um conjunto linguístico, cultura e territorial que são agregados a esse povo e sua etnia.

E desse conjunto linguístico citado por Rocha (2017) que surgem a forma como o povo cearense expressa sua rotina. De forma primeiramente engraçada partindo de “um sentido extra ao representar um elemento forte no comportamento típico de quem é do Ceará: o humor” (ROCHA, 2017, p. 3), o dialeto cearense consegue expressar a rotina da população, suas angústias, suas alegrias e sua irreverência. Esse dialeto cearense carrega em sua construção sociocultural toda a carga das diversas populações que deram forma ao Brasil, em sua inicial colonização. Sobre isso, Rocha (2017, p. 4) afirma que:

Em seu processo de colonização, desenvolvimento estrutural, social e econômico, o Ceará sofreu influências fortes de europeus, entre eles, franceses, espanhóis e portugueses. Porém, são partes integrantes e de grande influência cultural neste processo os índios e os negros, responsáveis pela criação da identidade cultural do estado e do seu povo, no que concerne inclusive à língua falada no Ceará.

Por essa mistura de línguas e expressões, a constituição da linguagem oral do povo cearense foi adaptando-se a simples realidade sertaneja, de um povo simples e pé no chão. Linguagem essa que transcende os limites do sertão e estende-se em tamanha força também na capital. Toma forma, ganhando o nome Cearensês. Rocha (2017, p. 5) cita ao falar do cearensês que: “identificado como

‘cearês’, ou ‘cearencês’ ou simplesmente dialeto próprio, o português falado no Ceará tem características peculiares, expressões e palavras até então usadas e criadas nessa região”.

Características tão peculiares que dão forma ao modo em que as palavras são pronunciadas. Rocha (2017, p. 6) cita mediante isto que:

Florival Seraine (1950) cita as alterações “prosódicas dos fonemas portugueses” graças à influência do tupi, língua indígena falada inclusive por algumas tribos de índios que habitavam o estado, e posteriormente por alguns colonizadores. Sobre esse fenômeno, Seraine (1950) cita a “pronúncia brevíssima ou elisão de consoantes finais” onde algumas palavras recebem a seguinte pronúncia: fazemos (fazemo), demos (demo), viagem (viaje) e etc. Outro exemplo é a queda do “d” na pronúncia de algumas palavras como falando (falano), vendo (veno), saindo (saino) e etc; que se aplica tanto à fala do cearense do interior como das periferias da capital.

Dessas mudanças no pronunciar das palavras, a memória oral passa sua riqueza para a memória escrita, dando aos termos diferentes formas de escrita e representação. Quando falamos dessas mudanças, tratamos diretamente das questões socioculturais que englobam toda a construção terminológica, como também a variabilidade em associação de termos quando damos de frente com sua semelhança de significado, porém assumido em uma escrita diferente. Podemos exemplificar melhor essa contextualização no tópico seguinte, ao falarmos de como o povo cearense fala de suas mazelas.

3.2 Saúde e Mazelas: relações terminológicas do dialeto cearense

“Gastura no juízo”, “dor no fecho dos quartos” “me vendo de dor”. Essas expressões já foram ouvidas por nós em algum momento em nossas vidas. Principalmente quando o cearense traduz em seu dialeto as mazelas que afetam sua saúde. Termos esses proferidos por nossos avós, tios, amigos e claro por nós mesmos. Termos que respectivamente significam “dor de cabeça”, “dor na coluna” e “muitas dores pelo corpo”.

Em seu dialeto o povo cearense traz uma riqueza muito profunda quando fala de suas mazelas. Usam termos próprios, que foram nascendo nos diálogos rotineiros. Diálogos que chegam aos consultórios médicos. Por vezes, quando são

direcionados a profissionais da saúde não cearenses, por sua diferença cultural, o diagnóstico de certas doenças ficam comprometidas.

Termos que se assemelham em seu significado, embora sua grafia e pronúncia sejam traduzidas de forma diferenciada para a linguagem regional, como mencionado no tópico anterior. Podemos exemplificar por meio da imagem disponibilizada pelo site Sou do Nordeste (2018?) de que forma se dá essa construção dos termos referentes a doenças no dialeto cearense:

Figura 1 – Medicina Nordestina: puxamento (asma).

MEDICINA NORDESTINA

PROS CUMPADE E PRAS CUMADE QUE TÃO COM UM PUXADO OU PIADO, SEM DRUMI PURCAUSO DO PUXAMENTO DO PEITO, NUM SE ESMUREÇA NÃO...

Puxamento (Asma)

A MAIS MIÓ MEIZINHA É ASPIRÁ, COZINHÁ OU ABAICÁ PRA DENTRO UM CHÁ DE AGRIÃO, CEBOLA-BRABA, MULUNGU, JUREMA-BRANCA, SABIÁ, OU URUEIRA...

MAR NÓIS TE ALEMBRA: SE A MAZELA NUM PASSÁ, VÁ VUADO PROCURÁ UM DOTÔ DA MEDICINA!

fb.com/soudonordeste - soudonordeste.com.br

Fonte: Site Sou do Nordeste (2018?).

Essa variação terminológica, enriquecida por diversos aspectos socioculturais que envolvem a população cearense, se transmite na escrita conforme se varia em sua pronúncia oral. Causando assim um dialeto próprio, que passado por gerações, traz em suas variações terminológicas as várias faces de um povo criativo.

Justamente a essa variação terminológica dá-se origem a documentos que trazem essas variações em sua forma escrita, registrando assim a informação em diversos suportes. Essa pesquisa visa justamente representar essa linguagem, de modo muito especial dentro dos cordéis e dicionários regionais, que trazem de forma muito natural como esses termos em suas mais variedades combinações, possuem significados importantes, gerando remissivas a quem não é propriamente do estado do Ceará.

No tópico a seguir poderemos entender mais sobre esses suportes que darão base a coleta terminológica para a pesquisa a ser realizada.

3.3 Cordéis e dicionários da cultura popular: uma expressão do dialeto cearense

Quando se pensa em cordel a primeira imagem que invade a memória é a presença do povo. O cordel é uma manifestação do povo. Uma forma de representar a cultura popular, de registrar momentos, de falar de lutas diárias. Como cita Marreiro (2008, p. 14):

O cordel é uma forma de expressão que retrata as ações e manifestações de um povo, narrando suas conquistas e suas mazelas; criando e re-significando os sentidos de seus cotidianos; construindo processos de significação histórico-simbólicos advindos das relações gregárias entre os sujeitos. [...] Desde seus primeiros passos no Brasil, o cordel se apresenta como uma linguagem própria utilizada para contar e cantar o povo brasileiro.

O cordel reflete o contexto social em que é desenvolvido. Os versos são repletos dos temas vivenciados na realidade em que seus escritores estão inseridos. Simples como quem os escreve, a confecção do cordel também é feita de maneira simples. Como cita Marreiro (2008, p. 15):

O seu formato impresso consiste em pequenos folhetos, medindo estes 16x11 cm mais comumente, de apresentação simples, em papel jornal e sua mão de obra é predominante artesanal. A sua capa é considerada um atrativo a mais, podendo ser feita a partir da xilogravura (arte de gravar na madeira), em clichê ou reproduzidas imagens retiradas de cartões postais. São utilizados poucos recursos, e com números de páginas variáveis pelo múltiplo de oito.

Marreiro (2008 p. 14) frisa que mesmo não tendo sua origem no Brasil, sendo “[...] trazido para o Brasil com os colonizadores portugueses, no século XVII e então adaptado a realidade deste país”, exemplifica que o cordel no Brasil “desenvolveu-se conforme a cultura brasileira, tendo se enraizado na região nordeste, onde conquistou muitos seguidores, poetas, e também a população local”. Caracterizando-se como a marca de um povo, que usa de seus versos sua casa e coração, refletindo assim tudo que envolve a vida sertaneja, principalmente aquilo que assola o bem-estar da população.

De tal forma, tendo origem da cultura popular e no dialeto do povo sertanejo, os dicionários regionais trazem não somente a pesquisa da evolução linguística de uma determinada população, mas toda a carga cultural que se expressa por meio da língua escrita, reverberando todas as peculiaridades que a história oral tem como impacto na vida da população.

E assim como o processo de representação de uma informação se dá em etapas, e de forma robusta, Aragão (2013, p. 212) ao falar sobre a elaboração de dicionários regionais cita que:

Elaborar dicionários, glossários ou vocabulários regionais/populares não é tarefa das mais simples uma vez que o próprio sentido do que é regional e do que é popular é motivo de controvérsias entre os especialistas da área.

E justamente esse léxico que compõe os dicionários representam os reflexos do contexto cultural da língua em expressão. Mediante isto, Aragão (2013, p. 211) afirma de tal forma que “no caso específico do léxico, esta afirmação é ainda mais verdadeira pois toda visão de mundo, a ideologia, os sistemas de valores e as práticas socioculturais das comunidades humanas são refletidos em seu léxico.”.

Mediante aos dois instrumentos apresentados para a coleta de dados, foi possível entender e extrair de forma muito simbólica, dentro do infinito universo da cultura popular, como o povo cearense se expressa em seu falar, em seu jeito de escrever e como reinventa a medicina no fazer popular.

4 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA EMPÍRICA E RESULTADOS

A escolha metodológica que forma o respaldo científico da presente pesquisa, possibilitando o alcance dos resultados a serem mostrados, a seguir, nasce primeiramente em sua natureza bibliográfica e descritiva.

Por meio da revisão de literatura mediante a organização e representação do conhecimento, bem como a representação da cultura popular cearense, respectivamente nas seções 2 e 3, foi possível fomentar a elaboração da estrutura presente no tesouro a ser apresentado. O mesmo foi pré-elaborado na disciplina de Linguagens Documentárias Alfabéticas, ministrada pelo Professor Heliomar Cavati Sobrinho, na Universidade Federal do Ceará.

A produção, formulação e execução do trabalho se originaram mediante a aplicabilidade do “Modelo Metodológico Integrado para Construção de Tesouro”, idealizado por Cervantes (2009), enquanto ferramenta e guia norteador das etapas a serem cumpridas para a elaboração e composição do tesouro apresentado.

O roteiro formulado pela autora e adotado por Cavati Sobrinho (2014) inspiraram e forneceram as bases metodológicas e práticas que viabilizaram a concepção da estrutura do presente trabalho, frente a definição do domínio contemplado e compreendido dentro do campo das terminologias do dialeto cearense.

A etapa inicial designa a definição e delimitação do subdomínio do conhecimento frente ao domínio escolhido para estudo. Deste modo, compete ao trabalho abranger e identificar termos pertinentes a área da saúde que estejam representados em terminologias do dialeto cearense. Logo após, estabeleceu-se os limites da pesquisa para análise das obras para a seleção e coleta de termos para posterior classificação e avaliação.

O conjunto de estágios para a construção do tesouro foi pautado com a finalidade de promover a representatividade e abrangência de termos que contribuam de modo significativo ao processo de comunicação e recuperação da informação.

4.1 Aplicações do Modelo de construção de tesouros no domínio escolhido

O Modelo Metodológico Integrado para construção de Tesouro apresentado por Cervantes (2009, p. 163) constitui-se de cinco etapas que abrangem em suas subdivisões toda a abrangência que evolve desde a coleta terminológica, seu tratamento e sua apresentação no formato de Tesouro, a fim de recuperar informações pertinentes a uma área específica do conhecimento.

De tal forma, Cervantes (2009, p.163) apresenta em seu quadro como se dá a sistematização das etapas a serem seguidas para a construção de um tesouro, a saber:

Figura 2 – Modelo Integrado de Construção de Tesouros, Cervantes (2009)

MODELO METODOLÓGICO INTEGRADO PARA CONSTRUÇÃO DE TESAURO	
Sistematização de etapas da construção de tesouros (normalização, literatura e tesouros) - Procedimentos terminográficos	
1. Trabalho preliminar (Orientações gerais/Use de equipamento automático de processamento de dados)	- escolha do domínio e da língua do tesouro; - delimitação do subdomínio; - estabelecimento dos limites da pesquisa terminológica temática; - consulta a especialista do domínio/subdomínio.
2. Método de compilação (Abordagem de compilação)	- coleta do <i>corpus</i> do trabalho terminológico; - estabelecimento da árvore de domínio; - expansão da representação do domínio escolhido.
3. Registro de termos	- coleta e classificação de termos.
4. Verificação de termos (Admissão e exclusão de termos /Especificidade)	- verificação, classificação e confirmação de termos; - elaboração de definições; - uso do vocabulário de especialidade para o estabelecimento de relações entre os descritores e de relações entre descritores e não descritores. - organização das relações entre descritores
5. Forma de apresentação de um tesouro	- trabalhos de apresentação do tesouro.

A seguir, será apresentada a aplicabilidade do presente modelo com as informações coletas dentro do construto do desenvolvimento metodológico da pesquisa realizada.

4.1.1 Etapa A: delimitação do subdomínio

O trabalho desenvolve-se na perspectiva da produção de um tesouro arquitetado mediante termos coletados que estejam contemplados na delimitação de determinado domínio do conhecimento. O domínio é compreendido sob o aspecto de um:

[...] campo especializado do conhecimento (áreas do saber ou de atividades) expresso por uma língua de especialidade (língua utilizada pelo domínio e caracterizada pelo uso de meio de expressão linguística particulares). Enquanto subconjunto do sistema linguístico, as línguas de especialidade refletem o modo mais ou menos normalizado de se comunicar num dado domínio do saber, o que seria impossível na língua geral onde os sentidos são variáveis. (LARA, 2002, p. 135 *apud* MORAIS, 2018, p. 18)

Desta forma esta pesquisa foi delimitada pela área de domínio das *terminologias do dialeto cearense*.

A inviabilidade e complexidade de se trabalhar o conjunto completo de termos que compõem o vocabulário cearense levou a definir, dentro desta categoria de domínio extensivo e abrangente, um subdomínio. A tendência ao recorte e à escolha da temática tem por finalidade e benefício a maior especificidade/precisão de termos utilizados dentro da área em questão, de modo a atender a totalidade de usuários que serão impactados por meio da construção do tesouro.

No contexto do domínio proposto, o trabalho visa trabalhar o *subdomínio da saúde* frente às terminologias do dialeto cearense, de modo a colher o apanhado de termos que compreendam desde *doenças e sintomas a partes do corpo* nas quais as enfermidades acometem índices de contágio.

A elaboração e esforço advindo de todo o exercício de idealização e estruturação tem por base possibilitar o acesso, a comunicação e a recuperação de tipos de informações específicas necessárias para o cotidiano e atuação diária, seja de profissionais da saúde, à pacientes e indivíduos cuja demanda apontem a utilidade e propósito do trabalho.

4.1.2 Etapa B: Estabelecimento dos limites da pesquisa terminológica temática e Coleta do corpus do trabalho terminológico

Nessa etapa coloca-se em evidência o estabelecimento dos limites terminológicos da pesquisa. Entende-se esta etapa como:

O limite da extensão da pesquisa terminológica, quanto ao número aproximado de termos, é estabelecido em função dos objetivos propostos, da disponibilidade de tempo e de meios financeiros. Desse modo, pode-se escolher um levantamento básico, compilando-se, em média, 300 termos, ou exaustivo, por volta de 2.500 termos. (CERVANTES, 2009, *apud* CAVATI SOBRINHO, 2014, p.36)

A construção do tesouro foi embasada e alicerçada através da coleta de termos extraídos de dicionários que contemplem expressões e vocábulos referentes ao dialeto nordestino, por meio do sistema nocional o recorte de termos pertencentes ao subdomínio da saúde - como mencionado na subseção 4.1.1.

Vale salientar que os cordéis não foram utilizados como instrumento de coleta de termos devido à escassez de material que contemplassem o domínio da saúde. Depois de uma vasta pesquisa nas plataformas digitais e junto a compositores de cordéis – na III Feira do Cordel Brasileiro -, foi possível identificar a ausência de material suficiente para a coleta dos termos. A decisão de optar pelo uso exclusivo dos dicionários regionais foi tomada junto ao Professor Orientador do presente trabalho.

Para tal, como parâmetro frente a delimitação do domínio e subdomínio, adotamos o dicionário “O idioma do Ceará” - denominado como documento A - disponibilizado online para download; e o livro e dicionário intitulado “Nordeste ontem e hoje: palavras-expressões-apelidos-secas-cangaço” (denominado como documento B), disposto em formato físico.

A seguir, conforme o modelo de Cervantes (2009), segue de forma explicitada e condensada o encaminhamento da construção e elaboração das fases que permeiam a construção do tesouro.

Foram coletados 176 termos, conforme o APÊNDICE A e o Quadro 2, abaixo:

Quadro 2 - Exemplo da coleta de termos sinalizadas no Apêndice A

Número	Termos	Quant	Doc
1	Apá	1	B
2	Bambo	1	B
3	Batincun	1	B
4	Berruga	1	B
5	Bicheira	1	B

Fonte: elaborado pela autora.

Legenda: A - Idioma do Ceará; B - Nordeste ontem e hoje.

4.1.3 Etapa C: Classificação, verificação e confirmação dos termos

Esta é a etapa na qual:

A coleta de termos efetua-se a partir do *corpus* do trabalho terminológico selecionado. Consiste, geralmente, em fazer uma leitura do texto, assinalando as unidades terminológicas a extrair. Essa operação requer da parte do pesquisador algum conhecimento metodológico do trabalho terminológico e também algum conhecimento sobre o domínio ou subdomínio. De acordo com a norma ISO 1087-1 (2000), que estabelece os critérios para a coleta dos termos e recorte do contexto de uso, o contexto é o “enunciado no qual figura o termo estudado” ou parte de um texto no qual ocorre o termo. Nesse sentido, o contexto tem um papel fundamental nas operações de coleta dos termos porque permite reduzir os riscos de erros no momento da sua identificação e recorte. (CERVANTES, 2009, apud CAVATI SOBRINHO, 2014, p.37)

Diante disso, foi elaborada a classificação e verificação dos termos extraídos dos documentos escolhidos mediante a elaboração do trabalho. Com base nos termos extraídos dos documentos A e B (APÊNDICE A), delimitados na subseção 4.1.2 e exemplificado no Quadro 2, foi usado como parâmetro de verificação para a viabilidade e veracidade dos termos elencados, o livro “Dicionário do Nordeste”, de Fred Navarro, disponibilizado de forma online em PDF para leitura em meio eletrônico e download.

Quadro 3 - Exemplo da classificação realizada e retratada no Apêndice B

Número	Termos	Quant	Doc
56	Barriga da perna	1	A
57	Batata da perna	1	A
3	Batincun	1	B
4	Berruga	1	B
5	Bicheira	1	B
59	Bicheira	1	A

Fonte: elaborado pela autora.

Legenda: A - Idioma do Ceará; B - Nordeste ontem e hoje.

Na etapa de classificação, os termos elencados no decorrer do trabalho foram organizados de forma alfabética (Apêndice B), conforme o Quadro 3, acima, a fim de identificar a repetição de termos pertinentes aos dois documentos.

Quadro 4 - Exemplo de verificação efetuada e retratada no Apêndice C

Número	Termos	Quant	Doc	Dicionário
56	Barriga da perna	1	A	0
57	Batata da perna	1	A	0
3	Batincun	1	B	0
4	Berruga	1	B	0
5	Bicheira	1	B	1
59	Bicheira	1	A	1

Fonte: elaborado pela autora.

Legenda: 1 - possui; 0 - não possui.

Os termos classificados e organizados por ordem alfabética posteriormente foram comparados e verificados (Apêndice C), conforme o Quadro 4, acima, com base no documento usado como parâmetro citado anteriormente.

4.1.4 Etapa D: Forma de apresentação do Tesauro

Na presente etapa, foi desenvolvida a construção do tesauro, mediante os termos coletados e os documentos dos quais foram extraídos os termos e suas

verificações. Vale salientar que durante a construção das ligações terminológicas foram usadas como fonte de pesquisa terminológica o Decs (Descritores em Ciência da Saúde) presentes dentro da BVS (Biblioteca Virtual em Saúde) e o Dicionário de Sinônimos Online (disponível no endereço <https://www.sinonimos.com.br/>), a fim de abranger toda a dimensão terminológica que liga a linguagem natural a linguagem documentária no momento de recuperação da Informação.

O modelo e estrutura do tesauro utiliza como base as noções abordadas e estabelecidas por Currás (1995, p.108) frente às orientações apontadas por esta, uma vez que:

Seguindo os acordos internacionais, adotaram-se notações alfabéticas - com subíndice no caso - para designar relações entre termos. São citadas em continuação, na mesma ordem em que se usam nos tesouros. São colocadas sempre precedendo o termo ao qual fazem referência. (...) USE indica o descritor - termo preferido -, que se escolhe entre vários termos sinônimos ou quase sinônimos. UP indica o termo equivalente - não preferido. (...) TG termo genérico. (...) TE termo específico. TR termo relacionado. (CURRÁS, 1995, p. 108)

O tesauro, no contexto do trabalho (exposto no apêndice D), visa organizar-se de maneira lógica-hierárquica com um nível de clareza maior na medida em que se utiliza as notações explicitadas por Currás (1995, p. 108), designando as relações entre os termos como: TG (termo genérico), TE (termo específico, TR (Termo relacionado), USE (termo preferido) e UP (termo equivalente - não preferido).

De modo a exemplificar o molde e estrutura do tesauro proposto, segue o padrão amostral utilizado e concluso exposto no Apêndice D:

TG ANTÓJO

UP ENTÓJO

UP ENGULHO

UP GASTURA

TE ÂNSIA DE VÔMITO

TR NÁUSEA

TE ENJOO

TG BAMBO

UP BAMBOLANTE

UP CAMBALEANTE

UP TONTO

UP PERNAS BAMBAS OU TONTURA

UP ZONZEIRA

TE ATORDOAMENTO

TE VERTIGEM

LEGENDA DO TESAURO

TG: TERMO GENÉRICO

TE: TERMO ESPECÍFICO

TR: TERMO RELACIONADO

UP: TERMO PREFERIDO

USE: TERMO EQUIVALENTE – NÃO PREFERIDO

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O esforço e empenho para a elaboração do presente trabalho foi fruto do desejo de fortalecer os laços interdisciplinares da Biblioteconomia e a área da Saúde.

O objetivo geral da pesquisa, ao se concentrar em propor um tesouro da terminologia popular cearense, no domínio da saúde, possibilitou o diálogo da linguagem natural, que nasce do seio da população, e a linguagem documentária em seu caráter padronizador, dando, assim, um elo à terminologia que surge da ampla área que tange ao domínio da saúde.

Após a investigação dos aspectos teóricos que se referem tanto à bibliografia da Biblioteconomia como ao desenvolvimento da cearensidade, aplicando por meio do método de Construção de Tesouros da autora Cervantes (2009) a construção do presente trabalho, foi perceptível a contribuição de uma linguagem documentária referente às terminologias oriundas da cultura popular cearense no domínio da saúde, contribuição esta que perpassa a comunicação interdisciplinar entre essas duas áreas do conhecimento.

Frisando também o impacto benéfico que uma linguagem documentária pode realizar dentro do processo de Organização e Representação do Conhecimento e da Recuperação da Informação, por meio da padronização terminológica, a recuperação da informação registrada e o diálogo entre as diversas culturas se realiza de forma plena, com ausência de ruídos.

Por meio do presente trabalho, o coração cearense de uma jovem pesquisadora, que traz em sua marca o fazer bibliotecário e o sangue cearense que corre nas veias, conseguiu unir as lembranças de infância e a rotina de sua cidade natal junto ao universo acadêmico, do qual é fonte rica de conhecimento, podendo, assim, construir esse laço entre a cultura popular cearense, a Biblioteconomia e o domínio da Saúde.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de. **Literatura de cordel: dos ciclos temáticos à classificação bibliográfica**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2011.
- ANDRADE, P. L (org.). **O idioma do Ceará**. Fortaleza: [s.n.], 2011.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Falares nordestinos: aspectos socioculturais. **Acta Semiótica et Lingvistica**, Paraíba, v. 18, n. 2, 2013.
- ARAÚJO, Carlos Aberto Ávila. O que é Ciência da Informação? **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 1, p. 01 – 30, jan./abr. 2014.
- BENTES PINTO, Virgínia. Indexação documentária: uma forma de representação do conhecimento registrado. **Revista Perspectiva em Ciência da Informação**. Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 223- 234, 2001.
- BRAGA, Rosiane Cristina Gonçalves. Aspectos da microestrutura de vocabulários técnico-científicos: a necessidade de um trabalho conjunto entre terminólogos/linguistas e especialistas. **Revista de Letras**. Fortaleza, n. 24, v. 1/2, p. 60-64, jan/ dez. 2002.
- CARNEIRO, Marília Vidigal. **Diretrizes para uma política de Indexação**. Belo Horizonte: Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, set. 1985.
- CAVATI SOBRINHO, Heliomar. **A representação documentária do domínio da Economia**: análise de estruturas de representação em Linguagens Documentárias e documentos específicos de economia. Marília: Tese (doutorado) Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2014, 148 f.
- CERVANTES, Brígida Maria Nogueira. **A construção de tesouros e a integração de procedimentos terminográficos**. 2009. 209 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009.
- CESARINO, Maria Augusta da Nobrega. Sistemas de Recuperação da Informação. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**. Belo Horizonte, n. 14 (2), p. 157-168, set. 1985.
- CHAUMIER, J. Indexação: conceito, etapas e instrumentos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, p. 46-62, jan/jun. 1988
- CINTRA, Anna Maria Marques. et al. Linguagens Documentárias. *In*: **Para entender as linguagens documentárias**. São Paulo: Polis, 1994.
- COSTA, Duarte da; PINHEIRO, Juracy. **Nordeste ontem e hoje**: palavras expressões-apelidos-secas-cangaço. Fortaleza: Premium, 2003.

CURRÁS, Emilia. **Tesouros: linguagens terminológicas**. Brasília: IBICT, 1995. p. 108-112.

DODEBEI, Vera Lucia Doyle. **Tesouro: linguagem de representação da memória documentária**. Niterói: Intertexto, Rio de Janeiro: Interciência, 2002.

GIL, Antonio Carlos. Métodos das Ciências Sociais. *In: Pesquisa Social: métodos e técnicas*. 5. ed. São Paulo: Atlas S/A, 1999.

GIL, Antônio Carlos. Pesquisa social. *In: Metodologia e Técnicas de Pesquisa Social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JESUS, Jerocir Botelho Marques de. Tesouro: um instrumento de representação do conhecimento em sistemas de Recuperação da Informação. **XII Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias**. Recife: [s.l.], 2002

KOBASHI, N. Y. Análise Documentária e Representação da Informação. **Informare**, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p. 5-27, jul./dez. 1996.

LAAN, Regina Helena van der. FERREIRA, Glória Isabel Sattamini. Tesouros e Terminologia. **Lume: Repositório Digital UFRGS**. Porto Alegre: 2000.

LARA, Marilda Lopez Ginez de. Linguagens documentárias, instrumentos de mediação e comunicação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. Paraná, v. 26, n.1/2, 1993, p. 72-80.

LOPES, Luis Carlos. A Informação: Teorias, documentos e arquivos. *In: LOPES, Luis Carlos. A Informação e os Arquivos: Teorias e práticas*. Niterói: Eduff, 1996. Cap. 1. p. 1-45.

MARREIRO, Ana Kátia Gomes. **A literatura de cordel como meio de informação e comunicação**. 2008. 74f. - TCC (Monografia) - Universidade Federal do Ceará, Curso de Graduação em Biblioteconomia, Fortaleza (CE), 2008.

MORAIS, Natanna Santana de. **A análise de domínio na construção de linguagens documentárias**. Fortaleza: Dissertação (mestrado) Universidade Federal do Ceará, 2018, 101 f.

NAVARRO, Fred. **Dicionário do Nordeste**. Recife: CEPE Editora, 2013.

ROCHA, Henrique Pereira. et al. A caracterização do linguajar cearense nas publicações do personagem “Suricate Seboso” no Facebook. *In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE*, 19, 2017. **Anais [...]**. Fortaleza: Intercom, 2017.

SANTOS, Izabel Lima dos Santos. CHACON, Wagner. VERAS, Jefferson. Uma análise da ciência da informação brasileira no contexto da interdisciplinaridade. **Biblionline**, João Pessoa, v. 11, n. 2, p. 218 – 231, 2015.

SILVA, Maria dos Remédios da. FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. A prática de indexação: análise da evolução de tendências teóricas e metodológicas. **Transinformação**, Campinas, v. 16, n. 2, p. 133 – 161, maio/ago., 2004.

SOU DO NORDESTE. **Medicina Nordestina:** puxamento (asma). [2018?]. 1 imagem. Disponível em: <http://soudonordeste.com.br/puxamento-asma/>. Acesso em: 29 set 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A- TERMOS COLETADOS

Número	Termos	Quant	Doc
1	Apá	1	B
2	Bambo	1	B
3	Batincun	1	B
4	Berruga	1	B
5	Bicheira	1	B
6	Biloto	1	B
7	Bixiga	1	B
8	Boga	1	B
9	Boquêra	1	B
10	Buchudo	1	B
11	Carnegão	1	B
12	Carraspana	1	B
13	Catarata	1	B
14	Chatu	1	B
15	Curuba	1	B
16	Dente-quêro	1	B
17	Dordói	1	B
18	Erisipela	1	B
19	Fastí	1	B
20	Gastura	1	B
21	Grélo	1	B
22	Gurgumi	1	B
23	Imbigo	1	B
24	Imbombo	1	B
25	Impachado	1	B
26	Impiji	1	B
27	Injuá	1	B
28	Istalícido	1	B
29	Istambo	1	B
30	Lançá	1	B

31	Latêjo	1	B
32	Melenga	1	B
33	Mocô	1	B
34	Mocotó	1	B
35	Mondrongo	1	B
36	Mucurana	1	B
37	Oiça	1	B
38	Papêra	1	B
39	Papoca	1	B
40	Pilôra	1	B
41	Quêmação	1	B
42	Quengo	1	B
43	Roscofi	1	B
44	Suvaco	1	B
45	Titela	1	B
46	Toitiço	1	B
47	Trambecá	1	B
48	Treição	1	B
49	Venta	1	B
50	Xinim	1	B
51	Zambêta	1	B
52	Zurêa	1	B
53	Amarelo empambado	1	A
54	Antójo (entójo)	1	A
55	Arquejar	1	A
56	Barriga da perna	1	A
57	Batata da perna	1	A
58	Bilau	1	A
59	Bicheira	1	A
60	Bofe	1	A
61	Boga	1	A
62	Bufante	1	A
63	Buzanfa (buzanfan)	1	A

64	Cachaço	1	A
65	Cachola	1	A
66	Cadeiras	1	A
67	Cangote	1	A
68	Caraôí	1	A
69	Carretel	1	A
70	Catarro nos peito	1	A
71	Chamar o Raul	1	A
72	Chibata	1	A
73	Chibiu (xibiu)	1	A
74	Chinim	1	A
75	Cobreiro (cobreira)	1	A
76	Constipação	1	A
77	Curuba	1	A
78	Curubento	1	A
79	Desmentir	1	A
80	Desonerar	1	A
81	Difruço	1	A
82	Disminliguido	1	A
83	Doença do mundo	1	A
84	Dor-de-veado	1	A
85	Dordói	1	A
86	Dor-d' olhos	1	A
87	Dor nas apă	1	A
88	Dor nas cruces	1	A
89	Dor nos espinhaço	1	A
90	Dor no estombo (estomago)	1	A
91	Dor nos quartos	1	A
92	Emperebado	1	A
93	Engúio (engulho)	1	A
94	Entojo (antójo)	1	A
95	Entrevado	1	A
96	Espinhaço	1	A

97	Espinhela caída	1	A
98	Esquentamento	1	A
99	Estalícido (istalícido)	1	A
100	Estombo (istombo)	1	A
101	Estou me vendo de dor	1	A
102	Fadiga	1	A
103	Fasti	1	A
104	Fastioso	1	A
105	Figo	1	A
106	Fininha	1	A
107	Fiofó (fiofió)	1	A
108	Fora de esquadro	1	A
109	Fôrgo	1	A
110	Frieira	1	A
111	Furico	1	A
112	Gastura	1	A
113	Goela	1	A
114	Gorgomilo	1	A
115	Grêlo	1	A
116	Imbigo	1	A
117	Impinge	1	A
118	Ingúio (engulho)	1	A
119	Istombo (estombo)	1	A
120	Junta	1	A
121	Lançar	1	A
122	Maria preta	1	A
123	Mindim	1	A
124	Moleira	1	A
125	Moleira mole	1	A
126	Mondrongo	1	A
127	Morrinha (murrinha)	1	A
128	Mucumbu	1	A
129	Nó na tripa	1	A

130	Pá	1	A
131	Pança	1	A
132	Papeira	1	A
133	Papoca	1	A
134	Passamento	1	A
135	Pau-da-venta	1	A
136	Pé dismintido	1	A
137	Pé-do-ouvido	1	A
138	Pereba	1	A
139	Perebento	1	A
140	Pilôra	1	A
141	Pinguelo	1	A
142	Pinicar	1	A
143	Pinta	1	A
144	Piroca	1	A
145	Prega	1	A
146	Prega rainha	1	A
147	Priciguida	1	A
148	Priquito	1	A
149	Provocar	1	A
150	Quartos	1	A
151	Queimação	1	A
152	Queima no estombo (estômago)	1	A
153	Queixal	1	A
154	Quengo	1	A
155	Remela nuzói	1	A
156	Romitar	1	A
157	Ruçara	1	A
158	Só a casca	1	A
159	Só a grade	1	A
160	Só o couro e o osso	1	A
161	Ter um troço	1	A

162	Tosse de cachorro doido	1	A
163	Tremelique	1	A
164	Tresvaliar	1	A
165	Troncho	1	A
166	Trouxa	1	A
167	Tuntum	1	A
168	Unha fôfa	1	A
169	Vazando pelo pito	1	A
170	Vazi (diz-se: "nos vazi")	1	A
171	Venta	1	A
172	Zanôi	1	A
173	Zarôi (zarolho)	1	A
174	Zói	1	A
175	Zólho (os olhos)	1	A
176	Zuvido (os ouvidos)	1	A

Fonte: elaborado pela autora

Legenda: A - Idioma do Ceará; B - Nordeste ontem e hoje.

APÊNDICE B - TERMOS CLASSIFICADOS

Número	Termos	Quant	Doc
53	Amarelo empambado	1	A
54	Antójo (entójo)	1	A
1	Apá	1	B
55	Arquejar	1	A
2	Bambo	1	B
56	Barriga da perna	1	A
57	Batata da perna	1	A
3	Batincun	1	B
4	Berruga	1	B
5	Bicheira	1	B
59	Bicheira	1	A
58	Bilau	1	A
6	Biloto	1	B
7	Bixiga	1	B
60	Bofe	1	A
8	Boga	1	B
61	Boga	1	A
9	Boquêra	1	B
10	Buchudo	1	B
62	Bufante	1	A
63	Buzanfa (buzanfan)	1	A
64	Cachaço	1	A
65	Cachola	1	A
66	Cadeiras	1	A
67	Cangote	1	A
68	Caraôï	1	A
11	Carnegão	1	B
12	Carraspana	1	B
69	Carretel	1	A

13	Catarata	1	B
70	Catarró nos peito	1	A
71	Chamar o Raul	1	A
14	Chatu	1	B
72	Chibata	1	A
73	Chibiu (xibiu)	1	A
74	Chinim	1	A
75	Cobreiro (cobreira)	1	A
76	Constipação	1	A
15	Curuba	1	B
77	Curuba	1	A
78	Curubento	1	A
16	Dente-quêro	1	B
79	Desmentir	1	A
80	Desonerar	1	A
81	Difruço	1	A
82	Disminliguido	1	A
83	Doença do mundo	1	A
87	Dor nas apă	1	A
88	Dor nas cruces	1	A
90	Dor no estombo (estomago)	1	A
89	Dor nos espinhaço	1	A
91	Dor nos quartos	1	A
86	Dor-d' olhos	1	A
84	Dor-de-veado	1	A
17	Dordói	1	B
85	Dordói	1	A
92	Emperebado	1	A
93	Engúio (engulho)	1	A
94	Entojo (antójo)	1	A
95	Entrevado	1	A
18	Erisipela	1	B
96	Espinhaço	1	A

97	Espinhela caida	1	A
98	Esquentamento	1	A
99	Estalícido (istalícido)	1	A
100	Estombo (istombo)	1	A
101	Estou me vendo de dor	1	A
102	Fadiga	1	A
103	Fasti	1	A
19	Fastí	1	B
104	Fastioso	1	A
105	Figo	1	A
106	Fininha	1	A
107	Fiofó (fiofió)	1	A
108	Fora de esquadro	1	A
109	Fôrgo	1	A
110	Frieira	1	A
111	Furico	1	A
20	Gastura	1	B
112	Gastura	1	A
113	Goela	1	A
114	Gorgomilo	1	A
21	Grélo	1	B
115	Grêlo	1	A
22	Gurgumi	1	B
23	Imbigo	1	B
116	Imbigo	1	A
24	Imbombo	1	B
25	Impachado	1	B
26	Impiji	1	B
117	Impinge	1	A
118	Ingúio (engulho)	1	A
27	Injuá	1	B
28	Istalícido	1	B
29	Istambo	1	B

119	Istombo (estombo)	1	A
120	Junta	1	A
30	Lança	1	B
121	Lançar	1	A
31	Latêjo	1	B
122	Maria preta	1	A
32	Melenga	1	B
123	Mindim	1	A
33	Mocô	1	B
34	Mocotó	1	B
124	Moleira	1	A
125	Moleira mole	1	A
35	Mondrongo	1	B
126	Mondrongo	1	A
127	Morrinha (murrinha)	1	A
128	Mucumbu	1	A
36	Mucurana	1	B
129	Nó na tripa	1	A
37	Oiça	1	B
130	Pá	1	A
131	Pança	1	A
132	Papeira	1	A
38	Papêra	1	B
39	Papoca	1	B
133	Papoca	1	A
134	Passamento	1	A
135	Pau-da-venta	1	A
136	Pé dismintido	1	A
137	Pé-do-ouvido	1	A
138	Pereba	1	A
139	Perebento	1	A
40	Pilôra	1	B
140	Pilôra	1	A

141	Pinguelo	1	A
142	Pinicar	1	A
143	Pinta	1	A
144	Piroca	1	A
145	Prega	1	A
146	Prega rainha	1	A
147	Priciguida	1	A
148	Priquito	1	A
149	Provocar	1	A
150	Quartos	1	A
152	Queima no estombo (estômago)	1	A
151	Queimação	1	A
153	Queixal	1	A
41	Quêmação	1	B
42	Quengo	1	B
154	Quengo	1	A
155	Remela nuzói	1	A
156	Romitar	1	A
43	Roscofi	1	B
157	Ruçara	1	A
158	Só a casca	1	A
159	Só a grade	1	A
160	Só o couro e o osso	1	A
44	Suvaco	1	B
161	Ter um troço	1	A
45	Titela	1	B
46	Toitiço	1	B
162	Tosse de cachorro doido	1	A
47	Trambecá	1	B
48	Treiçó	1	B
163	Tremelique	1	A
164	Tresvaliar	1	A
165	Troncho	1	A

166	Trouxa	1	A
167	Tuntum	1	A
168	Unha fôfa	1	A
169	Vazando pelo pito	1	A
170	Vazi (diz-se: "nos vazi")	1	A
49	Venta	1	B
171	Venta	1	A
50	Xinim	1	B
51	Zambêta	1	B
172	Zanôï	1	A
173	Zarôï (zarolho)	1	A
174	Zói	1	A
175	Zólho (os olhos)	1	A
52	Zurêa	1	B
176	Zuvido (os ouvidos)	1	A

Fonte: elaborado pela autora

Legenda: : A - Idioma do Ceará; B - Nordeste ontem e hoje..

APÊNDICE C - TERMOS VERIFICADOS

Número	Termos	Quant	Doc	Dicionário
53	Amarelo empambado	1	A	0
54	Antójo (entójo)	1	A	1
1	Apá	1	B	0
55	Arquejar	1	A	0
2	Bambo	1	B	1
56	Barriga da perna	1	A	0
57	Batata da perna	1	A	0
3	Batincun	1	B	0
4	Berruga	1	B	0
5	Bicheira	1	B	1
59	Bicheira	1	A	1
58	Bilau	1	A	0
6	Biloto	1	B	1
7	Bixiga	1	B	0
60	Bofe	1	A	1
8	Boga	1	B	1
61	Boga	1	A	1
9	Boquêra	1	B	0
10	Buchudo	1	B	0
62	Bufante	1	A	1
63	Buzanfa (buzanfan)	1	A	1
64	Cachaço	1	A	0
65	Cachola	1	A	0
66	Cadeiras	1	A	0
67	Cangote	1	A	0
68	Caraôï	1	A	0
11	Carnegão	1	B	0
12	Carraspana	1	B	0
69	Carretel	1	A	1
13	Catarata	1	B	1

70	Catarro nos peito	1	A	0
71	Chamar o Raul	1	A	0
14	Chatu	1	B	0
72	Chibata	1	A	1
73	Chibiu (xibiu)	1	A	1
74	Chinim	1	A	0
75	Cobreiro (cobreira)	1	A	0
76	Constipação	1	A	0
15	Curuba	1	B	0
77	Curuba	1	A	0
78	Curubento	1	A	0
16	Dente-quêro	1	B	1
79	Desmentir	1	A	1
80	Desonerar	1	A	0
81	Difruço	1	A	0
82	Disminliguido	1	A	0
83	Doença do mundo	1	A	0
87	Dor nas apá	1	A	0
88	Dor nas cruces	1	A	1
90	Dor no estombo (estomago)	1	A	0
89	Dor nos espinhaço	1	A	0
91	Dor nos quartos	1	A	0
86	Dor-d' olhos	1	A	0
84	Dor-de-veado	1	A	0
17	Dordói	1	B	0
85	Dordói	1	A	0
92	Emperebado	1	A	0
93	Engúio (engulho)	1	A	0
94	Entojo (antójo)	1	A	1
95	Entrevado	1	A	0
18	Erisipela	1	B	1
96	Espinhaço	1	A	1
97	Espinhela caída	1	A	1

98	Esquentamento	1	A	1
99	Estalícido (istalícido)	1	A	0
100	Estombo (istombo)	1	A	1
101	Estou me vendo de dor	1	A	0
102	Fadiga	1	A	0
103	Fasti	1	A	1
19	Fastí	1	B	1
104	Fastioso	1	A	1
105	Figo	1	A	1
106	Fininha	1	A	1
107	Fiofó (fiofió)	1	A	1
108	Fora de esquadro	1	A	0
109	Fôrgo	1	A	0
110	Frieira	1	A	1
111	Furico	1	A	1
20	Gastura	1	B	1
112	Gastura	1	A	1
113	Goela	1	A	1
114	Gorgomilo	1	A	1
21	Grélo	1	B	0
115	Grêlo	1	A	0
22	Gurgumi	1	B	0
23	Imbigo	1	B	0
116	Imbigo	1	A	0
24	Imbombo	1	B	0
25	Impachado	1	B	0
26	Impiji	1	B	0
117	Impinge	1	A	1
118	Ingúio (engulho)	1	A	0
27	Injuá	1	B	0
28	Istalícido	1	B	0
29	Istambo	1	B	0
119	Istombo (estombo)	1	A	1

120	Junta	1	A	1
30	Lançá	1	B	0
121	Lançar	1	A	0
31	Latêjo	1	B	0
122	Maria preta	1	A	1
32	Melenga	1	B	0
123	Mindim	1	A	0
33	Mocô	1	B	0
34	Mocotó	1	B	0
124	Moleira	1	A	0
125	Moleira mole	1	A	0
35	Mondrongo	1	B	1
126	Mondrongo	1	A	1
127	Morrinha (murrinha)	1	A	0
128	Mucumbu	1	A	1
36	Mucurana	1	B	1
129	Nó na tripa	1	A	0
37	Oiça	1	B	0
130	Pá	1	A	0
131	Pança	1	A	0
132	Papeira	1	A	1
38	Papêra	1	B	0
39	Papoca	1	B	1
133	Papoca	1	A	1
134	Passamento	1	A	1
135	Pau-da-venta	1	A	0
136	Pé dismintido	1	A	0
137	Pé-do-ouvido	1	A	0
138	Pereba	1	A	0
139	Perebento	1	A	0
40	Pilôra	1	B	0
140	Pilôra	1	A	0
141	Pinguelo	1	A	1

142	Pinicar	1	A	1
143	Pinta	1	A	1
144	Piroca	1	A	0
145	Prega	1	A	0
146	Prega rainha	1	A	1
147	Priciguida	1	A	0
148	Priquito	1	A	1
149	Provocar	1	A	0
150	Quartos	1	A	0
152	Queima no estombo (estômago)	1	A	0
151	Queimação	1	A	0
153	Queixal	1	A	0
41	Quêmação	1	B	0
42	Quengo	1	B	0
154	Quengo	1	A	0
155	Remela nuzói	1	A	0
156	Romitar	1	A	0
43	Roscofi	1	B	0
157	Ruçara	1	A	0
158	Só a casca	1	A	0
159	Só a grade	1	A	0
160	Só o couro e o osso	1	A	0
44	Suvaco	1	B	0
161	Ter um troço	1	A	0
45	Titela	1	B	1
46	Toitiço	1	B	0
162	Tosse de cachorro doido	1	A	0
47	Trambecá	1	B	0
48	Treiçó	1	B	0
163	Tremelique	1	A	0
164	Tresvaliar	1	A	0
165	Troncho	1	A	1
166	Trouxa	1	A	1

167	Tuntum	1	A	0
168	Unha fofa	1	A	0
169	Vazando pelo pito	1	A	0
170	Vazi (diz-se: "nos vazi")	1	A	0
49	Venta	1	B	0
171	Venta	1	A	0
50	Xinim	1	B	1
51	Zambêta	1	B	0
172	Zanôi	1	A	0
173	Zarôi (zarolho)	1	A	1
174	Zói	1	A	1
175	Zólho (os olhos)	1	A	0
52	Zurêa	1	B	0
176	Zuvido (os ouvidos)	1	A	0

Fonte: elaborado pela autora

Legenda: 1: possui; 0: não possui

APÊNDICE D – TESAURO DO DIALETO CEARENSE NO DOMÍNIO DA SAÚDE**TG ANTÓJO**

UP ENTÓJO
UP ENGULHO
UP GASTURA
TE ÂNSIA DE VÔMITO
TR NÁUSEA
TE ENJOO

TG BAMBO

UP BAMBOLANTE
UP CAMBALEANTE
UP TONTO
UP PERNAS BAMBAS OU TONTURA
UP ZONZEIRA
TE ATORDOAMENTO
TE VERTIGEM

TG BICHEIRA

UP FRIEIRA
TE FERIDA

TG BILOTO

USE MONDRONGO

TG BOFE

TE PULMÃO

TG BOGA

USE FIOFÓ

TG BUFANTE

USE FIOFÓ

TG BUZANFA

USE FIOFÓ

TE BUNDA

TG CARRETEL

USE FIOFÓ

TG CATARATA

TE SUJEIRA NASAL

TE DOENÇA OCULAR

TG CHIBATA

USE PINTA

TG CHIBIU

USE XINIM

TG DENTE-QUÊRO

UP DENTIQUERO

UP DENTE DO SISO

TE ÚLTIMO DOS MOLARES

TG DESMENTIR

TE FRATURA

TE CONTUSÃO

TE TORÇÃO

TE DESLOCAR

TG DOR NAS CRUZES

UP DOR NO ESPINHAÇO

UP DOR NAS COSTAS

TE DOR NO ALTO DO TÓRAX

TG ENTÓJO

USE ANTÓJO

TG ESPINHAÇO

TE COLUNA

TE COLUNA VERTEBRAL

TG ESPINHELA CAÍDA

TE LOMBALGIA

TE DOR LOMBAR AGUDA

TG ESQUENTAMENTO

TE GONORRÉIA

TG ESTOMBO

UP ISTOMBO

TE ESTÔMAGO

TG FASTÍ

TE FALTA DE APETITE

TG FASTIOSO

USE FASTÍ

TG FIGO

TE FÍGADO

TG FININHA

UP DISENTERIA

UP CAGANEIRA

UP DESTEMPERO

TE DIARRÉIA

TG FIOFÓ

UP FURICO

UP BOGA

UP BUFANTE

UP CARRETEL

UP BUZANFA

UP TRASEIRO

TE ÂNUS

TG FRIEIRA

UP PÉ-DE-ATLETA

TE MICOSE NOS PÉS

TG FURICO

USE FIOFÓ

TG GASTURA

USE ANTOJO

TG GOELA

TE GARGANTA

TG GORGOMILO

USE GOELA

TG IMPINGE

TE INFECÇÃO DE PELE

TG ISTOMBO

USE ESTOMBO

TG JUNTA

TE ARTICULAÇÃO

TE RÓTULA DO JOELHO

TG MARIA PRETA

UP PEREBA

TE FERIDA

TG MONDRONGO

UP CALOMBO

TE HEMATOMA

TE INCHAÇO

TE TUMOR

TE MACHUCADO

TG MUCUMBU

USE BUZANFA

TG MUCURANA

UP CURUBA

TE SARNA

TE COCEIRA

TG PAPEIRA

TE CAXUMBA

TG PAPOCA

TE BOLHA NA PELE

TE FERIMENTO

TG PASSAMENTO

TE DESMAIO

TG PINGUELO

TE CLITÓRIS

TG PINICAR

TE COCEIRA

TG PINTA

UP CHIBATA

TE PÊNIS

TR TROUPA

TG PREGA RAINHA

UP PREGA MÃE

TE PREGA DO ÂNUS

TE REGIÃO DO ÂNUS

TG PRIQUITO

USE XINIM

TG TITELA

TE TÓRAX

TR PEITO

TG TRONCHO

TE TORTO

TE DESALINHADO

TG TROUPA

TR TESTÍCULOS

USE PINTA

TG XINIM

UP CHIBIU

UP XIBIU

UP PRIQUITO

UP PINGUELO

TE VAGINA

TE VULVA

TG ZARÔI**UP ZAROLHO****UP ZANOI****TR ZÓI****TE VESGO****TG ZÓI****UP ZÓLHOS****TE OLHO****LEGENDA DO TESAURO**

TG: TERMO GENÉRICO

TE: TERMO ESPECÍFICO

TR: TERMO RELACIONADO

UP: TERMO PREFERIDO

USE: TERMO EQUIVALENTE – NÃO PREFERIDO